Pensando em fragmentos: as perversões da hipermodernidade I

Ivo Lucchesi

⋆⋆⋆

1. Impasses presentes, tanto sistêmicos quanto existenciais derivam de estratégias político-econômicas formuladas pelo ideário da modernidade, com direta repercussão na formação (e deformação) da subjetividade. Ou seja, o projeto da modernidade prometeu a emancipação do indivíduo. Todavia, a julgar pelo perfil com que se apresenta a contemporaneidade, deduz-se que a promessa tem configurado um confinamento a experiências frustrantes e sofridas.

⋆⋆⋆

2. O curso da modernidade se pauta numa aventura na qual o "sentido" ora é orientado pela utopia, substituída pelo "culto ao devaneio", ora é desvirtuado pelo efeito da simulação, protagonizado pela tecnologia. É nesse jogo oscilatório que se alarga o espaço para a radicalização da crise. Enquanto a prevalência do "devaneio" direciona para o "fanatismo", a "simulação" costura, passo a passo, o véu que, encobrindo a realidade, promove a "falsificação do *cogito*", sob os auspícios do Sistema Industrial Midiático (SIM)... Na verdade, ... é o SIM... (que é Não...)

⋆⋆⋆

3. A construção do modelo ocidental investiu numa trama capaz de aprisionar o que seria o "troféu da modernidade": o sujeito. Para tanto, o sentido da vida tem sido paulatinamente divorciado do exercício analítico e interpretante. A análise e a interpretação, habituais parceiras da utopia para o desvendamento do mundo, foram tragadas pelo regime da informação, alimentando a consciência por meio de retalhos geradores de uma "sintaxe fraturada" ou descontínua. Como valor agregado, soma-se a esse quadro o "culto à velocidade" ("dromologia", segundo Paul Virilio), retirando do processo de subjetivação o "sentido da experiência" antes alimentado pela "duração" e "intensidade". À sucessão rápida, em parceria com situações e conteúdos desconexos, sucede um acúmulo de vivências a impedir o enraizamento com o qual se formaria a "substância subjetiva", razão por que o processo de deterioração da "substância" deixa no ser o vazio[1]. Enfim, as radicais transformações impregnaram com incessantes taxas de "ruído" o pulsar compassado da vida, projetando o sentido da existência num ritmo acelerado que inviabiliza (ou distorce) a experiência ontológica, em favor de uma instância ôntica.

⋆⋆⋆

4. Diferentemente do que, por longo tempo, marcou a cultura ocidental, a *hipermodernidade* parece caracterizar-se por um modelo no qual o envolvimento dos seres com a vida tende a um progressivo comprometimento com as relações desconexas e não-lineares, o que estimula e reforça o deslizamento do sentido, sob a tutela das novas "ferramentas" que instauram a "comunicação tecnificada". Nesse aspecto, pois, rádio, televisão, computador, celular, formação de redes, interatividades eletrônicas, em combinação com o consumo de ativadores químicos, como droga (e variantes) passam a ser "agentes intercessores" (ou "interventores") que consolidam a dispersão do cogito, acarretando a "dissolução da memória".

⋆⋆⋆

5. O sistema educacional, principalmente nas duas últimas décadas, vem sendo cooptado pelo aceno sedutor de duas fontes outrora alheias à natureza própria de um saber por cuja tutela se fazia responsável a escola: a mídia e a tecnologia. A contaminação exercida por ambas, notadamente na experiência brasileira, tem colaborado para a distorção do que seja o efetivo conhecimento. A primeira, envolvendo mídias impressa e eletrônica, passou a ditar o padrão de linguagem num patamar de crescente rebaixamento, não indo além dos

registros popular e coloquial, o que afeta a aquisição de novo vocabulário. Tal sintoma é inclusive verificável nos materiais didáticos. A segunda dita o grau de "modernização" ao qual se agrega o atestado de maior ou menor eficiência, ou seja, a qualidade de ensino tem sido medida pelo maior ou menor acervo tecnológico com que uma escola se municia.

A situação acima descrita dá conta de que as planilhas de custo das escolas brasileiras (com agravamento em escolas da rede pública) destinam cada vez mais investimentos em "equipamentos" do que em "equipe docente qualificada" e acervo bibliográfico de reconhecido suporte intelectual. No cômputo geral dessas deformações, observa-se que, associado às mais sofisticadas "ferramentas" da linguagem, se encontra um pensamento defasado em criticidade, potencial analítico, baixa capacidade de concentração e abstração. O resultado dessa brutal deformação e inversão de prioridades concorre para o culto à banalidade e à apologia da infantilização, aspectos comportamentais e mentais verificáveis igualmente no estágio universitário.

***

6. O processo de degeneração do sistema educacional não está divorciado de uma situação familiar igualmente empobrecida e não menos afetada pelas duas razões já pontuadas. O saldo é um padrão societário firmado em patamares precários com horizontes não menos sombrios, salvo qualquer radical transformação. Em nenhuma das duas esferas (escola e família), vislumbra-se o refortalecimento do princípio da autoridade. Também os agentes que deveriam preencher tal requisito (professores e familiares) se revelam, em sua maioria, destituídos de preparo necessário. Os poucos focos de resistência tendem a ser neutralizados pela massa de modelo oposto. Observa-se, portanto, que, à política de alta concentração de renda, se une intensa deformação do conhecimento. Em lugar de um saber enraizado na experiência reflexiva, privilegiam-se conteúdos funcionais e instrumentais que apenas fortalecem o embrutecimento cultural.

A configuração aqui exposta encaminha para a constatação de que os modos de *ler, ver* e *ser* se encontram afetados naquilo que, em sentido contrário, deveria representar a emancipação do indivíduo, condição indispensável à multiplicação de massa crítica em âmbito coletivo. Em última análise, o modelo vigente propõe ao indivíduo um estilo de vida no qual prolifera a "reificação das relações humanas"[2], conforme, em tempos mais distantes, Georg Lucáks, seguido de Lucien Goldmann, e, mais proximamente, Gilles Lipovetsky, com

um recorte conceitual voltado para a qualidade subjetiva da existência, flagram em suas obras. Um passo adiante foi dado no agravamento no que concerne ao conceito de "reificação". Agora, a "reificação" não se situa apenas nas relações entre capital e trabalho, como processo de dominação engendrado pelo estágio anterior do capitalismo, aspecto sobre o qual se detiveram Lukács e Goldmann. De lá para cá, houve mutações, àquela época imprevisíveis.

A situação presente aponta para algo de superior preocupação, na medida em que o desdobramento para o estágio atual do capitalismo implica o processo de reificação instaurado na relação entre o indivíduo e a cultura dominante, ou seja, o ser é reificado não mais no seu fazer mas também em quanto do que colhe na "cultura" oferecida (ou imposta). Em certo sentido, diríamos que a recente estratégia do capitalismo incorporou a "ditadura do proletariado", aplicando-a ao campo da cultura, com base no critério de "gosto dominante", a fim de expandir o lucro. Desse modo, em vez de os segmentos menos sofisticados ascenderem a um nível estético mais enriquecedor, a perversão capitalista fez descer os supostamente mais letrados aos produtos "culturais" simplórios (quando não toscos). É óbvio que, em qualquer época, a cultura propriamente dita nunca esteve ao lado de grandes massas populacionais; logo não é esse o ponto. A questão se aloca em outra esfera: a visibilidade e a difusão. A passagem do S.I.M. para o controle de corporações do capital findou, em nome de audiência e vendagens, por levar os subprodutos da "cultura" às vitrines [3]. Essa foi (e é) a alavanca que firmou o pacto "fáustico" entre a Indústria Cultural e a lógica da quantificação, sob a mediação do S.I.M. Ancorado à "ética do lucro", o grande capital, na esfera midiática, se encarrega de hiperbolizar e realimentar a "estética do grotesco"[4].

⋆⋆⋆

7. A reflexão sugerida pelo primeiro fragmento faz identificar um corpo societário que, em face de sua exposição a modelos educacional e cultural vigentes, revela em seu interior dois espectros de subjetivação que procuramos tipificar nas classificações de *subjetividade descentrada e subjetividade prospectiva.*

⋆⋆⋆

8. Trata-se de uma tensão das mais graves, em razão da profunda e corrosiva fratura a ameaçar a convivência do corpo societário em níveis equilibrados e saudáveis. Talvez nessa preocupação se situe o grito de alerta de Kristeva na parte inicial de seu livro *Sentido e contra-senso da revolta*, pensamento ao

qual aludimos no limiar desta escrita. Ao que tudo indica, está em curso amplo processo de degradação dos valores, amesquinhando o significado de "ética" e "justiça", tendo como pano de fundo a barbarização cultural. Esta possivelmente haverá de constituir-se na grande luta política da contemporaneidade, por compreender residir aí o principal descaminho do Ocidente, cujo ideário dominante parece indicar, sob tutela dos interesses do "mercado", a asfixia dos impulsos criativos e vigorosos. Sob tal paradigma, a "forma" parece encarcerada num "formato", a exemplo do que sinaliza o ensaísta Manuel Antônio de Castro (1994: 92): "A forma enquanto ideia subsiste no *formato*. O *formato* enquanto ideia é natural à forma". Absorto na facilidade em serializar a produção, o ser abdica de sua dimensão existencial para entregar-se ao ente. Reificado pelo império da técnica, o indivíduo se vê lançado a um mero devir sem projeto. É nesse contexto que ganha espaço a barbarização da cultura. No que a cultura deixa de ser uma extensão do ser, nada lhe resta senão a condição de um "produto" para o "mercado" ao qual o consumidor-mercadoria recorre para uso descartável. O livro, o filme, a peça de teatro, a música, a dança, tudo se confina nas frias fronteiras de um "formato" que como tal perde a capacidade de nutrir no receptor reverberações. O enredamento criado subtraiu o sentido e tornou inútil a *interpretação*. Na sucessão de perdas, esvai-se a vida como aventura. O revigoramento, portanto, da interpretação, na contramão do pensamento de Susan Sontag, representa, na atualidade, um ato de revolta, em sintonia com a proposição de Julia Kristeva, contra a hegemonia da pasteurização cultural.

⋆⋆⋆

9. O modelo cultural que se faz presente na *hipermodernidade*, orientado pela serialização do *formato*, tende a neutralizar os efeitos subjetivos da *experiência*, potencializando a multiplicação do perfil com o qual se caracteriza a *subjetividade descentrada*. Em meio ao assédio permanente de desconexões, truncamentos e ofertas estonteantemente diversificadas, a subjetividade se vê divorciada de retenções capazes de sedimentar sinapses, ou seja, a cognição e a percepção ficam expostas ao devaneio e à realimentação das disjunções, enfraquecendo o sentido da vida como narrativa, e da história como processo. O desenho, portanto, com o qual se expõe a *hipermodernidad*e conspira contra o sentido da consciência histórica, tema de que tanto tratou Hans-Georg Gadamer, seja em *Verdade e método*, seja em *O problema da consciência*

histórica. É desta que extraímos a afirmação: "Ter senso histórico significa pensar expressamente o horizonte histórico coextensivo à vida que vivemos e seguimos vivendo"(1998: 18).

⋆⋆⋆

10. No quadro engendrado pela *hipermodernidade*, tudo precisa existir para neutralizar e afastar a ameaça que potencialmente o incômodo do *sentido* possa gerar no vazio existencial do qual se nutre a *subjetividade descentrada*, a deslizar no devaneio, na vacuidade da existência. Como tal, esta se perfila perante a vida na condição de "eu pensado", cuja missão única consiste em reproduzir o significado, cristalizado pelo discurso oficial. Em contraposição, a *subjetividade prospectiva* que, para tanto, se estrutura como "eu pensante", tem o encargo de produzir o sentido, exposto sempre ao risco de uma recusa por parte do "senso comum". Em última análise, o duelo entre os dois perfis finda por lançar no palco da vida um enredo de complexa estrutura e de nebulosa visibilidade. É um cenário com turvas imagens que facilmente tendem a gerar compreensões equivocadas, principalmente na dimensão política da vida quanto à questão da democracia.

Sendo o critério quantitativo o vetor com o qual se legitima o processo democrático, não é pouco frequente a facilidade de instaurar-se a inversão de valores. A pressão exercida pela voz majoritária articulada pelo *descentramento* fixa a "ditadura da maioria" sob a força imperativa do "pensamento único", asfixiando a respiração do pensamento prospectivo, levando por vezes ao seu completo isolamento.

⋆⋆⋆

11. O propósito a conduzir as reflexões quanto à procedência e à destinação da arte no presente quadro societário foi o de eleger como foco central a questão da arte, tentando responder a um desafio: com o mundo configurado como está, que presença, na realidade posta, assume a arte? Diante do problema formulado, lançamo-nos a um exercício de reflexão do qual podemos extrair algumas observações portadoras de algum teor conclusivo, conforme a seguir passaremos a declinar.

⋆⋆⋆

12. É indispensável à existência da arte um impulso de natureza individual, fruto de uma subjetividade que, perante o mundo ofertado, a ele reage com um gesto interventor: o ato criativo. Com base em tal premissa, creditamos à arte, como origem, um movimento autoexpressional. Claro está que a arte é expressão, porém nem toda expressão é arte, como bem ressalta Ferreira Gullar em *Argumentação contra a morte da arte* (cf. bibliografia). A expressão adquire sustentação estética a partir de uma elaboração criativa da linguagem, cuja substância deriva de profunda experiência entre o ser e a realidade. É nessa perspectiva crítica que associamos o ato fundador da arte ao imperativo do *desejo*. Como tal, o ser se entrega à experiência da *verdade*, na ânsia de, com o que faz, potencializar a prática comunicacional. Recupera-se, pois, o pensamento exposto por Gadamer em *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*, tanto na primeira parte ("A liberação da questão da verdade desde a experiência da arte") quanto na parte segunda ("A extensão da questão da verdade à compreensão nas ciências do espírito") da qual retiramos a seguinte afirmação: "A verdadeira experiência é aquela na qual o homem se torna consciente de sua finitude. Nela o poder fazer e a autoconsciência de uma razão planificadora encontram seu limite" (1997: 527).

⋆⋆⋆

13. O atingimento do *"limite"* define uma *forma* que, no âmbito da arte literária, em função de um apelo mais intenso aos temas do amor, da paixão e do erotismo, se realiza no *discurso metafórico do desejo* a expressão ideal da lírica. Se, por outra, a subjetividade se vê mais tocada pelo tema do poder, do conflito e do embate com as forças da natureza ou das relações societárias, então o artista tende a eleger a expressão épica na forma de um *discurso alegórico do poder*. Por fim, se a demanda subjetiva for na direção de um entrave profundo com a existência, a expressão do trágico ao ser apresentar-se-á como o mais pleno dos recursos, sob a forma de um *discurso metonímico da crise.*

⋆⋆⋆

14. A vida, se dissociada de uma dimensão de gravidade, resulta em mera entrega do indivíduo à mecânica sucessão de acontecimentos e impactos dos quais apenas se absorve epidérmica alegria ou imobilizadora aflição. Nenhuma das duas, porque meras sensações, serve de suporte existencial para a arte. Quando muito, redundam em terapia estética. Deste modo, tentamos retratar

que desejo, verdade e experiência se tornam instâncias subjetivas inseparáveis a desembocarem na *dor*. Todavia, alertamos que não é a "dor" em si o fundamento a alimentar o impulso estético. Assim é que propusemos três níveis diferenciados acerca da "dor": a dor que cala, a dor que fala e a dor que cria (artigo publicado na *Comum 14* – cf. bibliografia). Somente a dor que contém, como lembra Cioran, a "ferocidade", à altura de projetar a obra na vitrine da perenidade, ou seja, a dor que cria, é capaz de derrotar a morte. Em direção oposta parece caminhar o modelo da *hipermodernidade*. O indivíduo filiado à *hipermodernidade* acredita poder erradicar a dor por simulacros químicos e pacotes pseudoculturais e terapêuticos, de modo a suprimir a sintomatologia sem maiores elaborações subjetivas. Nada, pois, lhe resta para além da "dor que fala" ou da "dor que cala". Nessa moldura, a arte se enfraquece e cai prisioneira do "evento" e do "mercado", vitimada pelo império da lógica quantificadora.

⋆⋆⋆

15. Na pólis da *hipermodernidade*, o "lugar" da arte deixou de ser habitado pela *verdade do ser*, em favor da *vontade de sucesso*, o que desvirtua na essência o fazer artístico. O elo entre ser e projeto está, pelo menos temporariamente, desfeito. Em parte, a leitura equivocada das veredas abertas pelas vanguardas entre fins do século XIX e início do século XX e a excessiva importância a elas destinada colaboraram para o desfecho presente. Vozes estrangeiras, como Harold Bloom, Julia Kristeva e Alain Badiou, somadas a outras nacionais, como Ferreira Gullar, Affonso Romano de Sant'Anna e Leyla Perrone-Moisés, traduzem, a despeito dos diferentes tons, o grito do levante possível. Talvez estejamos à beira de uma nova "cruzada" em favor de uma transformação da qual possa ressurgir a arte em sua legítima expressão. Cabe aqui o aceno deixado por Alain Badiou numa de suas entrevistas[5]:

> (...), se a vanguarda esgotou seus recursos, não devemos retornar aos sistemas antigos de representação, seja a figuração na pintura, a tonalidade na música, a narração objetiva na literatura ou a teatralidade simplificada no cinema. A visão pós-moderna de um ecletismo livre que mistura épocas e culturas também me é estranha. Procuro um novo conceito de *verdade* (grifo nosso) e não cederei às tentações do relativismo cultural. Para mim, trata-se de inventar um novo realismo, uma capacidade formal de dizer, universalmente, nossa situação no mundo (...).

A declaração de Badiou a respeito da arte não dispensa uma íntima interrelação com a política. Compreende Badiou, como de resto vasta tradição crítica desde os escritos de Marx, que a reinvenção da arte não se dissocia do esforço de se reinventar uma atitude política. Com base nesse pressuposto, no corpo da mesma entrevista, o teórico sentencia[6]:

> Precisamos primeiro redefinir o que é uma política "de esquerda". A questão hoje não é exatamente a existência de orientações políticas, mas a existência da própria política. Depois do fracasso dos Estados pós-revolucionários, estamos diante da tarefa de desenvolver um projeto completo de emancipação coletiva. Nós estamos ainda no estágio experimental desse projeto. Mas uma coisa é certa: devemos romper com o sistema de representação parlamentar e com a ideologia "democrática" ocidental. Essa ruptura será facilitada por uma evidência: cada vez mais esse "democratismo" apenas serve para encobrir as intervenções militares e as ingerências, particularmente do Exército norte-americano, mas com a cumplicidade ou com a resignação covarde dos europeus e japoneses. É necessário experimentar outras vias e romper com o monopólio exigido pela "democracia" (idem).

⋆⋆⋆

16. A expressão artística vive, sob a voz imperativa da *hipermodernidade*, o combate sistemático de um campo de força que, como em nenhuma época anterior, tem conseguido sufocá-la. Tal processo encontra o *formato* adequado nos "filtros de representação" encarregados de difundir uma imagem de mundo e um sentido de vida, capazes de silenciar, já na infância, o impulso reativo. O peso exercido pela avalanche da multilateralidade da informação parece inibir o gesto inicial do qual a consciência necessita para acionar o estado mental propício à *interpretação*. Divorciado da iniciativa em querer interpretar, o ser se distancia também de uma querência libertária. Não há ambiência salutar para a autoexpressão artística, se nela não se fizerem presentes a interpretação, a liberdade e a necessidade. Não seria, pois, demais recordar-se a afirmação conclusiva de Schelling (2001: 46): "Arte é, por conseguinte, uma síntese ou interpretação recíproca absoluta de liberdade e necessidade".

⋆⋆⋆

17. No berço da modernidade, colidem, pelo menos, duas vertentes que muito se distanciam quanto ao sentido da vida: numa se alinham Maquiavel e Hobbes; noutra, está Montaigne, seguido de Descartes. Com o primeiro par, revela-se a razão como saber-poder; com o segundo, a razão é saber-afirmação. Nesta, a moldura do Ocidente oferecia um quadro de auspiciosa esperança na redenção da vida na qual o sujeito pudesse reinar como soberano de si mesmo. Algo, no entanto, abalou os alicerces dessa construção e o projeto esboçado desandou: o próprio conhecimento, não por sua natureza mesma, mas por sua utilização e destinação. O ideário aristocrático e o imaginário burguês não souberam (ou não quiseram) investir na "utopia da inclusão", fazendo vingar a razão excludente. Montaigne e Descartes perderam para Maquiavel e Hobbes. A lógica do "leviatã" predominou sobre a perseverança de Montaigne e o autocentramento de Descartes. Numa das passagens de seus *Ensaios III*, Montaigne não deixou de assinalar o sintoma da falência:

> A gente de hoje está tão afeiçoada à agitação e à ostentação, que a bondade, a moderação, a cordura, a constância e outras serenas qualidades não lhe apetecem. Os corpos ásperos impressionam o tato; os lisos deixam-se manusear sem que os percebamos. Sente-se a doença; não a saúde, ou muito pouco, como não sentimos o que nos agrada e sim o que nos oprime (Montaigne, 1972: 463).

Como autênticos sensores, na antevisão do inevitável embate, ali, no limiar do século XVI, as vozes de Erasmo de Rotterdam e Thomas More registravam o brado de alerta. O Ocidente preferiu não lhes dar atenção. O real, como construção em aberto, foi tragado pela realidade dos acontecimentos.

⋆⋆⋆

18. De acordo com as pontuações críticas sintetizadas no texto introdutório a estas formulações conclusivas, duas concepções, ambas centradas na "razão", pavimentaram a construção da modernidade: uma com base na crença afirmativa do sujeito; outra calcada na consolidação do Estado; portanto, a história da modernidade encontra seu entrave maior na tensão entre o pensar filosófico de inspiração socrática e o pensar político enraizado em Platão. Indivíduo x *pólis* pode, num exercício de máxima síntese, traduzir a tensão que jamais se desfez. Daí, pois, decorre o insolúvel conflito, o divisor de

águas no leito caudaloso da modernidade: a razão, conforme assinalamos no corpo do capítulo, compreendida como o *instrumento do aprimoramento humano* (razão humanizadora), em oposição ao entendimento da razão na condição de *instrumental da dominação* (razão opressora).

⋆⋆⋆

19. Esvaziada de prestígio, embora permaneça como suporte do projeto civilizatório ocidental, mas sob severo controle ditado pelas injunções do capital, a razão, em cujas bases se assenta a trajetória da modernidade, ainda se revela o pressuposto fundamental para o desdobramento da história. É a razão que ainda direciona aventuras e desventuras da condição humana, embora esta, abrigando suas próprias contradições nas quais a mesma razão reina, lhe dedique um certo olhar de descaso.

⋆⋆⋆

20. Coube a Kant empreender, com invejável esforço de reflexão imaginativa, o equacionamento possível no que já era irremediável fratura. Kant parece desesperadamente querer salvar o sujeito de uma fatal condenação histórica. Todavia, também faltou a Kant a percepção de que a razão, suporte edificante do sujeito, teria de incluir a territorialidade das emoções, atalho que viria a ser trilhado mais tarde por Freud. O primado do *cogito* (socrático, cartesiano e kantiano) não soube levar em conta a relação triádica: sujeito – subjetividade – subjetivação. O Sujeito Transcendental de Kant já pressupõe a mediação por algo que está fora do ser. Para Kant, a transcendência reclama uma construção objetiva: a obra, fruto do conhecimento. Não há na problematização filosófica de Kant lugar para o drama do sujeito consigo mesmo, embora antes dele Rousseau tivesse denunciado o sintoma. Kant não abdica da ideia de que a história se constrói pelos desígnios de uma razão comandada pelo sujeito. Nessa insistência, talvez já se escondesse em Kant o temor pelo contrário. A propósito dessa questão, faz-se oportuna a afirmação de Ronaldes de Melo e Souza (1986: 56): "A maior astúcia da razão antropofílica consiste em anunciar continuamente a morte do homem para protelar indefinidamente a sua sobrevivência como protagonista único e exclusivo da história".

⋆⋆⋆

21. Ao tratar-se do Iluminismo – ou quando se suspeita que o projeto iluminista fracassou – estar-se-á efetivamente promovendo recorte crítico correto? Não será, talvez, mais apropriado pensar-se que foram formuladas concepções iluministas? Nesse caso, vislumbrar-se-iam três matrizes: francesa, alemã e inglesa. Cada uma delas, sem abdicar na aposta da razão, procurou soluções próprias. A matriz francesa (Voltaire, Rousseau e Diderot) centrou o foco na história e no direito, privilegiando a lógica dos acontecimentos e a ética da propriedade. A despeito das diferenças presentes em Voltaire, Rousseau e Diderot, a proposição iluminista francesa ainda anseia e proclama a redenção possível do humano. A matriz alemã (Lessing, Kant e Fichte) tenta o caminho pela filosofia, pondo em relevo o pensamento como sistema de ideias. Seu investimento é na eficácia do conhecimento, tentando fixar a parceria entre a arte e a filosofia.

⋆⋆⋆

22. Por fim, a matriz inglesa (Adam Smith e Stuart Mill), em plena sintonia com o expansionismo colonialista e mercantil britânico, conduz a razão iluminista em direção à economia, priorizando a lógica do capital. É esta terceira vertente que enfraquece a tentativa de implementar a emancipação do indivíduo pelo conhecimento. A entrada em cena da lógica quantificadora recupera os fundamentos alocados nos escritos de Maquiavel e Hobbes e revitaliza a eficácia do conhecimento para o culto à produção. É nessa terceira proposta, portanto, que o modelo capitalista, de inspiração liberal, redireciona sua prática, abrindo as portas para a razão instrumental, cujo dado consequente redundaria no pragmatismo no qual a inserção da economia como base para o desdobramento civilizatório representa a grande alavanca para o desenvolvimento.

⋆⋆⋆

23. Efetivamente é ao longo do século XVIII que se prefigura o início do desencanto de uma certa concepção de modernidade. A voz que melhor traduz esse sentimento é a de Rousseau. Dentre todos que o precederam e aqueles que o sucederam, Rousseau é quem chama para si a vivência profunda, extraída de uma constatação do que se lhe indicava como irreversível. Entre a obstinada perseguição da transparência da vida e do caráter e a inevitabilidade do reconhecimento de que a vida está sempre recoberta por um véu, Rousseau, diferentemente de Voltaire, finda por isolar-se ao sentimento trágico com o

qual haveria de marcar-se o novo "lugar" do intelectual. O "novo lugar" do intelectual passaria a ser ora invadido pela cooptação, ora pela marginalização. Em outras palavras, o "lugar" destinado para o intelectual – uma invenção do século XVIII – nasceu já com o vaticínio de sua própria morte. Não é difícil concluir que, após Rousseau, linhagem de pensadores, independentemente de seus recortes teóricos, acabou servindo de fontes de fortalecimento das construções sistêmicas. Kant, Hegel, Marx, entre outros, inspiraram (e continuam inspirando) as metamorfoses do capitalismo.

⋆⋆⋆

24. Rigorosamente, o intelectual – quando de modo efetivo assim é reconhecido – apenas se move numa órbita errática, fadado ao desconforto permanente imposto pela razão profunda de um pensar que insiste em pontuar, na linha imaginária do horizonte, a dúvida. O dilema do intelectual é incompatível com as decisões exigidas pelos meios de produção. Também a dúvida não comporta as soluções rápidas requeridas pela esfera política. O tempo da urgência cobra certezas, mesmo que sejam falsas. Enfim, o ritmo da história não dialoga com o compasso da reflexão. A *hipermodernidade* tem condenado o intelectual à insularidade que, quando dele necessita, para alguma legitimação, o expõe como figura decorativa.

⋆⋆⋆

25. Preocupado com o agravamento das questões sociais e, isolado na incomunicabilidade de seu discurso, o intelectual, sob o impacto da contemporaneidade nervosa, sente progressivo esvaziamento, constituindo, entre a sua reflexão e a dinâmica dos acontecimentos, uma presença sem referências que finda na instauração de um círculo vicioso, a despeito de seu pensar trazer a possibilidade de sinalizar rumos capazes de promoverem a reversibilidade de tudo o que, no atual teatro dos horrores, se manifesta como intensificação e superposição de crises, cujo resultado aponta para certa tendência ao imobilismo majoritário dos indivíduos.

⋆⋆⋆

26. Por outro lado, é desse mesmo descompasso entre a atitude do intelectual perante a vida e a intimação pragmática cobrada pela ordem sistêmica que poderá emergir o perfil de um novo intelectual liberto de seu confinamento e disposto a produzir o distúrbio necessário. Nessa direção, cabe aqui relembrar o pensamento de Eduardo Portella (1983: 21):

> O intelectual puro, essa inútil relíquia de épocas pretéritas, ao perder o lugar, perde o sentido. Faltar-lhe-á sempre aquela dose imprescindível de mescla, de alteridade, de impureza mesmo. Sobre as ruínas da sua cátedra orgulhosa, onde ainda se exibe um magistério prepotente e ocioso, terá de erguer-se um sujeito histórico concreto, habilitado para exorcizar muito dos principais fantasmas exaltados pelo transcendentalismo crepuscular; em condições de ultrapassar, ou encaminhar realisticamente, a sua própria crise de identidade.

***

27. É possível que a expansão dos conflitos e a progressão de desafios, em todos os níveis da vida contemporânea, contribuam para a revalidação do intelectual como agente intercessor e parceiro das transformações emancipadoras, sepultando tanto o intelectual fisiológico quanto o intelectual ascético que redundaram no "intelectualismo", remetendo-nos, uma vez mais, ao registro crítico de Eduardo Portella:

> O intelectualismo confunde ainda erudição e cultura, esse em nome da primeira reproduz uma postura aristocrática, vazia de serventia pública, sob a égide da segunda resvala no culto do populismo demagógico. Nos dois pólos, embora por motivos diversos, continua submerso o próprio equívoco (ibidem: 24-25).

***

28. A progressiva formação de uma sociedade de massa, paralelamente à implementação definitiva da Revolução Industrial se encarregou de demonstrar quanto antigos projetos dariam início a sepultamentos. Referimo-nos à "crise das quatro categorias": indivíduo, identidade, sujeito e subjetividade. A massa neutralizou a individualidade, a reprodução corroeu a identidade, a indústria cultural formatou a produção do discurso, anulando o sujeito e, por fim, a subjetividade ficou restrita a um reduto regulado pela emocionalidade do cotidiano. A modernidade se viu subtraída em sua dimensão mítica, deixando à vista de todos a falência dos possíveis benefícios conquistados pelo progresso. Como compensação, devolve à existência flagelada o consumo que vai de bens duráveis a bônus descartáveis, enquanto resíduos do ser são diluídos pela multidão. Essa percepção podemos detectar nas escritas ficcionais de E.

A. Poe, no conto "O homem das multidões", e Machado de Assis, no conto "Um homem célebre". Refletem ambos a lenta marcha de um narrar em direção ao vazio e ao sem sentido. É um sintoma que Dostoiévski ainda tentou frear. Todavia, o olhar implacável de Kafka se impôs. Nada mais haveria por ficcionalizar, senão o mergulho do ser no abismo. A escuridão do absurdo se chocou contra a iluminação artificial de uma sociedade iludida.

⋆⋆⋆

29. Na descaracterização crescente das quatro categorias, surge na paisagem da aturdida modernidade – já a caminho da *hipermodernidade* – um novo perfil circulante nas grandes cidades: o *eutro*. Nem o "eu", nem o "outro". É um ser *esquizo*, fruto de uma simbiose emoldurada pela cultura de massa. O *eutro* é uma subjetividade pasteurizada à procura de um equilíbrio apenas encontrável ao sentir-se portador de um discurso sintonizado com as vozes da maioria. Do ato de abdicar de sua autonomia discursiva e pensante, depende a sensação de bem-estar, ou seja, vive a *eutridade* como um estado de suspensão de sua dramaticidade. Seu consolo reside na simplória expectativa de lampejos de afirmação (sobre o tema da *eutridade*, remeto à revista *Comum 29* – cf. bibliografia). Para tanto, investe tenazmente no ver e no ser visto. Daí decorre a cultura do olhar (tema de artigo publicado na revista *Cadernos 3* – cf. bibliografia).

⋆⋆⋆

30. O desdobramento da crise que permeia o curso da modernidade põe em cena outra dualidade a envolver agora a relação do sentido com o que veio configurar a *cultura do olhar*. No reinado da *hipermodernidade*, vigora a dificuldade cada vez mais intensa da sobrevivência do sentido, por este defrontar-se, em desvantagem crescente, com a invasão totalitária imposta pelo império das imagens. Disto se pode extrair o leque de conclusões que a seguir formulamos.

⋆⋆⋆

31. Identifica-se em Baudelaire o registro do que se pode nomear de o início da derrocada do *sentido*. Da palavra incômoda do poeta parte o brado contra o devaneio, fruto do progressivo esvaziamento da vida como projeto afirmativo. Não é, por isso, o *flâneur* expressão de um "eu" em êxtase e sim de um ser que, em estado de desespero, faz da *flanerie* o contraponto da própria agonia (cf. bibliografia). É um olhar suspenso no ar para melhor ver o que o

frenesi da "nova vida urbana" começava a subtrair do olhar do ser comum. É um "ponto de fuga" sem a renúncia ao fervilhamento da vida, em oposicão à martirização de um isolamento nadificador. O *flâneur* sinaliza, portanto, a recusa a uma vivência calcada no aturdimento e na despersonalização de que se faz exemplo o "homem das multidões", no conto de Poe.

⋆⋆⋆

32. No contraponto da modernidade, palco do *flâneur*, situa-se a versão da *hipermodernidade*, cenário do voyeur. Ao salto dos tempos, corresponde a diferença das mutações. Diferentemente da ânsia pelo olhar a distância sobre a totalidade possível com que se marcava o perfil do *flâneur*, o *voyeur* se deixa encantar e atrair pela maior aproximação que seu olhar possa ter em relação ao "objeto de seu desejo". O *voyeur* é vítima de sua visceral subordinação aos estreitos limites ditados pelo "espaço". Seu campo de visão não ultrapassa as fronteiras de uma tela, de uma lente, de um cenário recortado no qual esteja o que admira. Também ele é vítima de sua irremediável dependência dos retalhos do tempo, confinados à sucessão da mobilidade das cenas. O voyeur não controla a duração. Esta é sempre do "outro". Ele escolhe para, em seguida, ser supliciado, razão pela qual o *flâneur* é orientado pelo sentido da liberdade, enquanto o *voyeur* é dirigido pelo sentido da subjugação. Seu olhar é aprisionado, no espaço e no tempo, por aquilo que ele próprio escolheu. Há um gozo masoquista no olhar do *voyeur*. Ele refuta a concretude do real, em favor da imaterialidade da "imagem", deixando nele a sensação de que nada o atinge corporeamente. Ao *voyeur* também não interessa o sentido tecido numa cadeia narrativa. Ele se satisfaz com o fragmento, o capítulo, o momento que tanto parece surgir de um nada anterior quanto dele escapa num movimento fugaz, sem maiores consequências. O regime do envolvimento das sucessividades é substituído pelo regime da fratura das instantaneidades.

⋆⋆⋆

33. Na voracidade com a qual a *hipermodernidade* dita o ritmo acelerado, os acontecimentos, traduzidos em imagens e informações, subtraem da subjetividade o próprio impacto que supostamente eles produziriam. Assim, o *voyeur*, como consumidor compulsivo de imagens, não se dá conta do fracasso de seu próprio investimento. Cada vez mais inebriado pelo envolvimento imagético e, aturdido pela avalanche de informações díspares, o "viajante do olhar" acumula insatisfações, frustrações e esvaziamentos. O império da imagem (remeto a

artigo publicado na *Comum 33* – cf. bibliografia) diluiu o sentido, entorpeceu a interpretação e, por fim, congelou o olhar. Nesse quadro, também se perde a fronteira entre o sublime e o corriqueiro.

⋆⋆⋆

34. A tentativa de promover-se uma estratégia de combate à sucessão de deformações pelas quais a subjetividade tem sido atravessada esbarra no obstáculo organizado pela "rede" das quatro relações: *associativas, participativas, disjuntivas e conflitivas*. Conclui-se, pois, que a vivência subjetiva, sob assédio dos vetores da *hipermodernidade*, sofre atribulações de ordem conjuntural e sistêmica, conforme já foi aqui devidamente mapeado. Sinteticamente, no âmbito das *relações associativas*, situam-se as "armadilhas da tribalização" (em nível social) e as "redes de incorporação" (em plano econômico). Em ambas as circunstâncias, a vivência subjetiva se torna alvo de asfixia, repercutindo diretamente na dissolução do indivíduo.

⋆⋆⋆

35. No que se refere às *relações participativas,* multiplicam-se convocações direcionadas para o "ajuntamento". Trata-se de sutil processo de "coletivização", transformando o indivíduo, em nome da "vida-cidadã", num "servidor não-remunerado", pronto para ceder suas raras horas de repouso a benfeitorias societárias que outrora cabiam a setores governamentais. Para tanto, parece concorrer a pressão dos canais oficiais, em parceria com os meios de comunicação de massa, difundindo discursos e campanhas com o propósito de "institucionalizar" o processo da "servidão induzida"[7]. Percebe-se, portanto, na face oculta das *relações participativas*, uma das variantes da razão perversa. Esta, por sua vez, não passa de uma "inteligência" desenvolvida para amenizar custos e encargos que, na verdade, deveriam ser assumidos pela ordem do capital.

⋆⋆⋆

36. Quanto às *relações disjuntivas*, verifica-se o investimento na disseminação de intensos apelos de caráter sensorial, criando um enredamento sedutor sob o regime da excitação e da incitação. Como consequência, amplia-se o leque de ofertas, sob a liderança dos avanços tecnológicos. A rigor, a subjetividade vem sendo reduto de progressivo confinamento, em face da escassez da demanda. Cada vez menos, a vida moderna oferece ao indivíduo reservas de tempo interior. Em seu lugar, prolifera a solicitação ao uso do "corpo", não

percebendo quanto essa demanda exterior (fixada pelo "outro") e externa (oriunda de "situações") inviabiliza o exercício de uma "temporalidade subjetiva", provocando sérias e graves distorções no campo perceptivo, cognitivo, o que acarreta, sobretudo, o desprestígio do *sentido* e da interpretação.

⋆⋆⋆

37. Por fim, às *relações conflitivas*, afora os efeitos gerados pela confluência negativa das três anteriores, soma-se a ilusória e efêmera aposta no consumo, como espasmo último na obtenção de um significado para a vida. Na ebulição da *hipermodernidade*, a vida deixa de ser uma "experiência desafiadora", além de destituída da noção de "projeto", restando ao indivíduo, modelado pelo perfil dominante, a vivência crua de momentos desconectados e alheios ao sentido de qualquer "narratividade".

⋆⋆⋆

38. O regime da dispersão e da dissipação do real pelas imagens ao qual se vê entregue o olhar do devaneio finda por fixar uma paisagem não menos desprovida de intensidade, instituindo um círculo vicioso a realimentar a patologia que cerca as figuras caricatas do *voyeur* e do exibicionista. Sob o fascínio exercido pela imagem, voyeur e exibicionista ignoram o significado para apenas se deixarem conduzir pela mera superfície do significante. São, pois, "personagens" tradutoras de uma cultura promotora da redução sêmica e da castração sígnica. A unidade de sentido e o signo são subtraídos, vigorando apenas o plano da imagem em sua exclusiva concretude.

⋆⋆⋆

39. Na "cultura do olhar", a imaginação inquieta e, por vocação, criadora é destronada pelo apaziguado e reprodutivo imaginário. Nessa troca, erige-se amplo *shopping center* de imagens e modelitos societários a desfilarem sorrisos extraídos de alegria superficial que, à aparição de um primeiro revés, rapidamente se desfaz, dando lugar ao "olhar aturdido", desprovido de qualquer compreensão para além do próprio espanto. Na "cultura do olhar", o "ver" parece constituir-se num fim em si mesmo. Assim, "ter visto algo" sugere haver "conhecido" a coisa vista. Esta, porém, é apenas a primeira impressão que, como tal, é falsa. A ela imediatamente se segue a sensação de vazio ou de incompletude, responsável pelo mal-estar existencial, cuja razão, entretanto, não é diagnosticada, o que perpetua o modelo de vida, intensificando o grau de insatisfação existencial e, por extensão, ampliando a carga de tensões no plano societário.

⋆⋆⋆

40. O entorpecimento instaurado pela cultura visual, dado seu alto teor de apelo sensorial, indireta e involuntariamente, pode estar favorecendo certa indução ao "prazer" oferecido pela droga. Num certo sentido, o "mundo encantado das imagens" muito parece aproximar-se da "realidade virtual" patrocinada pela ação das substâncias químicas, presentes nas drogas de maior consumo. Nesse diferente modelo, o *signo-conceito* cedeu o posto para o *signo-móbile*. Nele prospera a subjetividade descentrada, base de fundação para a serialização do *eutro*.

⋆⋆⋆

41. A espiral desenfreada, oriunda do investimento no código visual e, desenhada pela Revolução Industrial, em aliança com a natural decorrente Revolução Tecnológica, não possibilita nenhum retrocesso. Pelo contrário, a tendência sinaliza na direção de processos ainda mais intensos e sofisticados, o que faz supor agravamento das situações presentes. Diante dessa constatação, nenhuma atitude politica de perfil regressivo se revela crível. O atalho que ainda pode vir a oferecer-se como viável, na condição de reduto de resistência, localiza-se na esfera educacional, caso esta readquira uma função identitária afinada com a formação criticizante, ou seja, caminhar na contramão dos paradigmas dominantes. Para tanto, o sistema educacional teria de passar por profunda reestruturação, de modo a alinhar-se a um projeto centrado na elaboração de uma *pedagogia do olhar*. Sem deixar de incorporar as novas "ferramentas" tecnológicas, o modelo educacional deveria investir na capacitação docente e discente (em todos os níveis) para a "leitura crítica" das sintaxes visuais, paralelamente ao refortalecimento da "leitura imaginativa" das sintaxes verbais, pressuposto indispensável à construção do *olhar perverso*, em oposição ao *olhar ingênuo*. Tal reformulação é sobretudo imperiosa, em se tratando de realidades, a exemplo da brasileira na qual reconhecidamente vigora uma cultura que, originada na oralidade, passou à audiovisual, avaliação correta já pontuada por Luiz Costa Lima[8].

⋆⋆⋆

42. A consequência de um modelo cultural fortemente centrado nas motivações do olhar encontra plena sintonia com a intensificação da espiral da violência. Olhar e violência derivam de um mesmo modelo com prefigurações sistêmicas. Variações endêmicas e focos epidêmicos da vio-

lência dizem respeito aos caminhos que traduzem a cultura vigente. Daí, podem-se extrair as conclusões que seguem.

⋆⋆⋆

43. A violência deixa de ser um aspecto isolado ou ocasional, para tornar-se uma das faces constitutivas da subjetividade, ou seja, em razão dos vetores culturais dominantes, entre os quais os valores propagados como vitoriosos e prestigiosos, a matriz da subjetividade já estaria forjada para a assimilação da violência como um modo de o indivíduo pautar suas atitudes ou estratégias, visando à obtenção do que almeja conquistar. Outra, pois, não foi a intenção ao inserirmos a "cultura da violência" como desdobramento da "cultura do olhar". Não há, no plano dessa sucessão, nenhum dado arbitrário, razão pela qual foi mantido, na condição de substantivo, o termo "cultura". Hobsbawm, em a *Era dos extremos*, mapeia, de maneira bem convincente, a trajetória do século XX, acima de tudo, assinalada pela desenfreada escalada da guerra e de extermínios. O rolo compressor das transformações científicas e tecnológicas não se situa em quadro diferente, na medida em que impõe acelerações assimétricas a sociedades absolutamente desiguais. É neste sentido que a violência se instala como parte integrante da "cultura", afetando decisivamente os processos de subjetivação numa espécie de "violência branca". Não são os horrores do cotidiano nem aqueles exibidos diariamente com naturalidade pelas centenas de emissoras de TV. Quando muito, a crítica cabível aos meios de comunicação de massa se destine à reprodução e à realimentação de valores dominantes com os quais se consolida a ideologia. De resto, a violência de que aqui se trata se refere à absorção, por via indireta, de uma certa concepção de vida. É possível que as frequentes críticas desferidas contra os meios de comunicação de massa, principalmente no Brasil, sirvam para encobrir a expressão cruel dessa outra "violência invisível", deixando a sensação de que a violência pode ser erradicada, se contidos forem seus praticantes ou os agentes de exibição, sem atentar-se para as forças formadoras de uma *subjetividade da violência* (tema desenvolvido na *Comum 12*, cf. bibliografia).

⋆⋆⋆

44. Em termos gerais, a "cultura da violência" funciona como um sistema protegido e mascarado pela rede dos *acontecimentos*. Para tanto, um "olhar" foi educado a apenas reconhecer a violência traduzida pelas imagens diárias e não pela engrenagem sistêmica. Talvez seja essa a lógica do *crime perfeito* descrita por Jean Baudrillard em obra de mesmo título. Em tese, portanto, afirmaría-

mos que as últimas gerações estariam sendo educadas para a potencialização da violência. Desenvolverem-na ou não passa a ser uma variante no interior de um mesmo modelo. A fronteira a separar a violência como ato daquela na qual a potência não se transforma em ato passa a ser cada vez mais tênue, ou seja, a disposição do aparelho psíquico à liberação da violência está cada vez mais franqueada por estimulações diárias e detectáveis nas práticas cotidianas. O que, na verdade, se procura aqui sustentar é a ideia de que tendemos a lidar com o tema da violência por meio de abordagens, na maioria das vezes, desfocadas, sempre com a tendência de acentuar-se o grau de vicissitudes materiais, o que só reitera a estigmatização da pobreza. O aumento indiscriminado de barbáries diárias envolvendo indivíduos e famílias materialmente bem supridos parece ser suficiente para demonstrar que a tradicional retórica está errada. Ao propormos a existência de uma "cultura da violência", estamos afirmando que a violência não se dá mais pela deseducação de alguém e sim pela educação recebida, com base num *ethos desvirtuado*. Um "pacote cultural" foi vendido e muitos o adquiriram, sem a percepção de seus horripilantes desdobramentos. Dado seu efeito de contaminação, todos os setores constitutivos do corpo societário apresentam os sintomas. A escola, a Indústria Cultural, as instituições políticas, os planos econômicos, tudo se vê enredado numa armadilha promotora e multiplicadora da violência como um estado de ser. O reduto mais apropriado para tornar esse processo visível é o da linguagem.

⋆⋆⋆

45. Julgamos equivocada a avaliação corrente de que vivemos a época mais violenta da humanidade. A ideia exposta na parte inicial procurou assim demonstrar. A diferença que separa a sociedade contemporânea de tempos predecessores se situa na possibilidade de tecnicamente se dar hoje visibilidade contínua e inesgotável a acontecimentos que estampam a ferocidade humana na sua infinita vocação dominadora. O mundo hoje tem "Neros" e "Calígulas" sob a forma de instituições governamentais, paragovernamentais, privadas, nacionais e transnacionais, entre outras variantes. Essa despersonalização gera a ilusão de que o mundo caminha razoavelmente em harmonia, ficando o horror para acontecimentos isolados, protagonizados por indivíduos ou pequenos grupos. Quem não promove a leitura nessa direção deixa de perceber o mundo como realidade, razão pela qual, uma vez mais, atrelamos a "cultura da violência" à "cultura do olhar". Na raiz dessa união é que surge a questão da linguagem, indiciada no fragmento anterior.

⋆⋆⋆

46. Podemos principiar a análise a partir dessa premissa: a *era da aceleração* violentou a linguagem. O que efetivamente a asserção tenciona significar? Retrocedendo um pouco no tempo, perceber-se-á que o avanço trazido pelas invenções alterava modos operacionais sem, no entanto, produzir nenhum abalo nos processos de subjetivação. Pelo contrário, estes se viam realimentados ante novas ofertas. Ninguém, por exemplo, poderá dizer que o advento do cinema brutalizou a cultura como processo. Seria essa uma observação oriunda de cérebro absolutamente idiotizado. Todavia, é crível alguém hoje afirmar que a dominação hegemônica de certo cinema colabora para a bestialização da cultura. Na verdade, o problema não reside na coisa em si, mas no processo sistêmico que faz da ininterrupta exposição de imagens o modelo hegemônico de cultura. O ser potencializa o grau de violência a partir do momento em que abdica da condição de agente produtor de imagens (imaginação) para assumir passivamente a condição de consumidor de imagens externas (imaginário formatado). É na substituição da força imaginativa pela dominação da imagem formatada que se abre o atalho para a violência, independentemente de a violência em si ser a temática do que é exposto. A esse fator se agrega outro: a velocidade. Reina, pois, um sistema cultural que, pela sua engrenagem, promove cotidianamente a violação à linguagem. O frêmito imposto pela velocidade banaliza a comunicação ao tempo em que inviabiliza a construção de pensamento concatenado. Conclui-se, portanto, que na "cultura da violência" se encontram os fundamentos formulados nos quatro capítulos anteriores: a questão do sentido, a função interpretante, o problema da arte como autoexpressão, a tensão entre crise e modernidade com as decorrentes relações (associativas, participativas, disjuntivas, conflitivas) bem como as configurações críticas arroladas na já mencionada "cultura do olhar". Uma educação forjada no culto à velocidade enseja a progressiva abolição do pensamento. Ora, o que dá sustentação à linguagem é justamente o fato de esta possibilitar a construção do pensar. Se, porém, essa faculdade é suprimida, resta apenas a linguagem em estado bruto, mero serviçal da comunicação descartável, o que cristaliza o esvaziamento dos processos de subjetivação.

⋆⋆⋆

47. Algo de efetivamente singular emergiu no interior do projeto da modernidade com consequências ainda em franco desdobramento: a influência da tecnologia no âmbito da linguagem como experiência existencial. Deu-se uma

parceria que, na verdade, instalou tensões. Até então a tecnologia disponível se apresentava como extensão da linguagem. Todavia, e-mail, celular, realidade virtual, jogos eletrônicos em profusão fazem da linguagem uma sucata neurótica na qual se identificam falações e mensagens tão rápidas quanto nervosas e banais, além das deformações gramaticais crescentes, rebaixando ainda mais a qualidade de expressão. Esse acentuado grau de violação predispõe, segundo nossa avaliação, o indivíduo a excitações que, em muito, se aproximam da violência. Deslocamentos sucessivos e desconexões variadas se unem ao quadro potencializando a carga de violência. O tempo do diálogo é substituído por conversas sobre temas os mais desencontrados. O processo educacional, na ânsia de incorporar ferramentas tecnológicas também perde de vista seu propósito maior, reduplicando o ideário da *hipermodernidade* na prática cotidiana em que conhecimento se confunde com informação descartável, reflexão conflita com soluções rápidas e eficazes, pesquisa equivale à procura meio aleatória em *sites* da internet, disto resultando meros exercícios de "impressão". Encontrado o *site* que parece satisfazer, clica-se "imprimir" e está pronta a "pesquisa". Em ambientes escolares menos moderninhos, o modelo se limita a fontes midiáticas, como jornais e revistas. Trata-se, portanto, de violações profundas cujo desfecho é a consolidação de um "caráter" adulterado e deformado, maquiado com legitimidade institucional. Insistimos em apontar no quadro descrito o berço que agasalha a violência. Querer contê-la, desvinculando-a de um projeto de reformulação radical significa colaborar para a intensificação da violência. Em resumo, a violência que o corpo societário, em todos os seus segmentos, tem demonstrado fazer crescer é fruto de alterações profundas em âmbito gnosiológico e, inevitavelmente, com contaminações no campo dos afetos.

⋆⋆⋆

48. Também se presta como outra conclusão o fato de, nos tempos atuais, a violência ser um aspecto com o qual se orientam decisões políticas, tanto no circuito governamental quanto em corporações. Governos não escondem estratégias com as quais populações são consideradas desprezíveis, quando não alinhadas ao modelo desejado. Sob o manto da "purificação", proliferam políticas de extermínio enquanto discursos oficiais forçam a fixação do "pensamento único", por vezes travestido de "pensamento consensual". Esse dado

sim aponta para uma situação de justificada gravidade, na medida em que tal estratégia retira do corpo societário os agentes difusores do pensar crítico e questionador. Nesse particular, retorna a cobrança aos meios de comunicação que tendem a referendar os discursos hegemônicos, abafando a circulação de vozes contrárias, ou relegando-as a ocasionais aparições sem efeitos maiores. Numa sociedade em que o pensamento crítico passa a ser associado ao sentido de "perturbação", a tendência é a multiplicação da violência.

⋆⋆⋆

49. Outro aspecto a ser observado, a título de conclusão, no tocante à disseminação da violência, é a franca expansão da crueldade por vezes sob a máscara da defesa da liberdade e da afirmação da democracia. Não são poucos os discursos que, quase diariamente, pontuam noticiários, editoriais, reportagens ou pronunciamentos oficiais de lideranças políticas. Em comum, está a tentativa de convencer o maior número de pessoas quanto ao esforço de implementação de um modelo de vida capaz de trazer a felicidade tão sonhada, ignorando o terror que as cerca.

⋆⋆⋆

50. À margem do processo decisório, situam-se populações destituídas de assistência. Suas existências são, ocasionalmente, percebidas, ao sabor de situações dramáticas, em meio à indignação e à revolta. Estas, porém, quando dissociadas de uma percepção crítica acerca do processo que as faz existirem (como manifestação ou como vontade) tendem a transformar-se em comportamentos revestidos de barbárie, seja nas relações familiares, seja nos episódios sociais. É nessa conjuntura que a violência cede à proliferação da crueldade. A prática da crueldade requer "inteligência acrítica", sem quaisquer mediações nem ponderações. Enquanto a violência pode advir de rompantes incontidos, a crueldade pressupõe requintes de planejamento. Da crueldade, não se dissocia o prazer de quem a pratica; portanto, a crueldade exige para si um engendramento, uma lógica sofisticada. Em síntese, a violência é fruto do impulso; a crueldade deriva do enredo. O que, de resto, se encontra em progressão no Ocidente é a cultura da violência contaminada pelo imaginário cruel que encontra nos acontecimentos de impacto mundial o cenário predileto, seja por decisões governamentais, seja por atos individuais. Regendo o processo está a inteligência desprovida de sentido do humano, fruto de um pragmatismo orientado pela fria lógica da quantificação. Sem modificar-se a substância

construtora dessa lógica, não há possibilidade de reversão do quadro posto. Não se trata aqui de fazer-se parceria com um olhar desesperançado quanto ao que o horizonte sinaliza. Trata-se sobretudo de equacionar-se uma visão crítica acerca dos profundos impasses que mapeiam a trajetória em direção ao futuro. A propósito, é oportuno recordar trecho do alongado artigo "Rumo ao abismo?", escrito por Edgar Morin: "A consciência cívica perde espaço em toda parte, e violências de diversos tipos corroem a sociedade. A criminalidade mafiosa tornou-se planetária. A lei da vingança toma o lugar da lei da justiça, arrogando-se o papel da verdadeira justiça".[9]

⋆⋆⋆

51. É importante reafirmar a percepção de que a violência no mundo atual é alimentada por estratégias de caráter sistêmico com o qual políticas governamentais orientam a defesa e a expansão de interesses econômicos, pensamento do qual também não se afasta o teórico francês que, em parágrafo adiante, sentencia:

> A barbárie do século 20 desencadeou sobre múltiplas regiões da humanidade os flagelos de duas guerras mundiais e dois supertotalitarismos. As características bárbaras do século 20 continuam presentes no século 21, mas a barbárie do século 21, cujo prelúdio já foi visto em Hiroshima, encerra em seu bojo a autodestruição potencial da humanidade. A barbárie do século 20 gerou os terrores policiais, políticos e dos campos de concentração. A barbárie do século 21 traz em seu bojo, desde 11 de setembro de 2001, um potencial de terror planetário ilimitado.

⋆⋆⋆

52. Por fim, não pode deixar de figurar, no painel societário da violência, a estreita relação que a violência mantém com a ordem imperativa do consumo. Obviamente, este não é determinante daquela. Contudo, são campos de força que interagem, em razão de cada vez mais proliferarem discursos associativos entre a conquista da felicidade e a aquisição de bens (inclusa vasta rede de supérfluos), o que também faz aproximarem-se da violência os perfis do *voyeur* e do exibicionista. Mais um aspecto a fixar conexões entre as "cultura do olhar" e "cultura da violência". Se o indivíduo desprovido de recursos para a posse do que é amplamente exposto pela publicidade se convence de que a felicidade depende da compra dos míticos objetos, não os podendo adquirir

pelas vias legais, parte para as práticas delituosas, levando consigo o sentimento da revolta pela radical exclusão social. Logicamente, o consumo de droga entra como mais um atalho que é aberto pelo próprio modelo cultural, desta feita direcionado para a vivência do prazer. Assim, fecha-se o círculo: bens materiais asseguram a felicidade; consumo de drogas possibilita o prazer.

⋆⋆⋆

53. O paradigma societário em curso está moldado para gerar subjetividades violadas. Para tanto, concorre o assédio de promessas que, na verdade, multiplicam imaginários fraudados. O sentido da vida como aventura foi deslocado para perspectivas egóicas pautadas na fraude e no autoengano, disto resultando a intensidade do sofrimento desvinculado de uma consciência à altura de compreendê-lo e, menos ainda, de enfrentá-lo a caminho da superação. Não é, portanto, difícil de deduzir a propagação da violência em espiral.

⋆⋆⋆

Rio, setembro de 2015.

Notas

1. É oportuno aqui remeter ao pensamento de Gilles Lipovetsky, no tocante a duas de suas obras: *L'empire de l'éphémère e L'Ere du vide* (cf. bibliografia).
2. No Brasil, coube ao teórico e crítico Luiz Costa Lima, em publicação de 1969, a iniciativa de trazer esse conceito ao campo da investigação literária, o que se deu no capítulo II (A reificação de Paulo Honório), no livro *Por que literatura*? (cf. bibliografia).
3. A propósito desse tema, são indispensáveis as reflexões constantes em duas publicações, a saber: *Sobre a televisão* (1997), de Pierre Bourdieu e *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede* (2002), de Muniz Sodré (cf. bibliografia).
4. É oportuno ressaltar que coube ao teórico Muniz Sodré, em publicação de 1972, o reconhecimento desse sintoma, a partir de seus primeiros sinais, no estudo *A comunicação do grotesco* (cf. bibliografia).
5. O depoimento de Badiou foi transcrito por Vladimir Safatle e publicado na revista Mais!, na edição de 29/09/02 da Folha de S. Paulo.
6. Idem à nota anterior
7. A propósito de tal questão, propus o conceito de servidão induzida no artigo "Jornalismo de Estado e a servidão induzida", publicado na edição de 18/03/2002 do *Observatório da Imprensa (on-line).*
8. Costa Lima aborda o tema da "cultura oral" como processo dominante na formação da brasilidade no livro *Dispersa demanda* (1981).
9. O mencionado artigo, inicialmente escrito para o Le Monde e traduzido por Clara Allain, foi reproduzido na edição dominical da Folha de S. Paulo (12/01/2003).

Referências

BADIOU, Alain. Rousseau. In:_____. *L'être et l'événement*. Paris: Éditions du Seuil, Janvier, 1988. p.379-389.

_____. *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal.* Trad. Antônio Trânsito e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

_____. revista *Mais!* – Folha de S. Paulo, 29.09.2002.

BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna.* Trad. e posfácio Teresa Cruz. Lisboa: Veja, 1993.

_____. *Escritos íntimos*. Trad. Fernando Guerreiro. Lisboa: Estampa, 1982.

BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal*: *ensaio sobre os fenômenos extremos*. Trad. Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Papirus, 1990.

_____. *O crime perfeito*. Trad. Silvina Rodrigues Lopes. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.

CIORAN, E. M. *Silogismos da amargura*. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

_____. *História e utopia*. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. *Breviário de decomposição.* Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

DIEGUEZ, Gilda Korff. Narciso, ontem e hoje. In: Vários. *Comum* (12). Rio de Janeiro: OHAEC/FACHA, 1999. p. 25-36.

_____. Espaciando o pós-moderno. In: VÁRIOS. *Revista Cadernos-Facha* (1). Rio de Janeiro: OHAEC, 1994. p. 25-30.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização / O futuro de uma ilusão*. Trad. José Octávio de A. Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. *Além do princípio de prazer.* Trad. Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*: *traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GULLAR, Ferreira. *Argumentação contra a morte da arte*. Rio de Janeiro: Revan, 1993.

HOBBES, Thomas. *Leviatã: ou material, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Nova Cultural, 1997. Col. Os Pensadores.

HOBSBAWM. Eric. *Era dos extremos: o breve século XX – 1914 / 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. Valerio Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *Crítica da razão pura.* In: Kant (I). Trad. Valério Rhoden e U. Baldur Monsburger. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Col. Os Pensadores.
_____. *Fundamentação da metafísica dos costumes.* In: Kant (II). Trad. Tania Maria Bernkopf. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Col. Os Pensadores.
KRISTEVA, Julia. *Sol negro: depressão e melancolia*. Trad. Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
LIMA, Luiz Costa. *Mímesis e modernidade: formas das sombras*. Rio de Janeiro, Graal, 1980.
_____. *Dispersa demanda.* Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981.
_____. *O controle do imaginário: razão e imaginação no Ocidente.* São Paulo: Brasiliense, 1984.
_____. *Limites da voz: Kafka.* Rio de Janeiro, Rocco, 1993.
_____. Um par problemático: representação e sujeito moderno. In: BARTUCCI, Giovanna (Org.). *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação.* Rio de Janeiro: Imago, 2001. p. 197-222.
LUCCHESI, Ivo. Do flâneur ao voyeur: a crise da(s) modernidade(s). In: *Revista Tempo Brasileiro* (141). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. p. 39-62.
_____. A cultura do olhar. In: VÁRIOS. *Cadernos Facha* (3). Rio de Janeiro: OHAEC-Facha, 1995. p. 49-63.
_____. Os direitos humanos e a cultura da violência. In: VÁRIOS. *Comum* (12). Rio de Janeiro: OHAEC-Facha, 1999. p. 84-119.
_____. Os sentidos da dor e duas traições: Rousseau e Machado. In: VÁRIOS. *Comum* (14). Rio de Janeiro: OHAEC, 2000. p. 119-140.
_____. O papel do educador na sociedade contemporânea. In: *Anais do VIII Congresso Nacional de Estudos de Linguística e Literatura.* Rio de Janeiro: Corujinha / Conselho Federal de Cultura, 1983. p.1-20.
LUKÁCS, Georg. *El alma y las formas / La teoría de la novela.* Barcelona: Grijalbo, 1975.
MAQUIAVEL. Nicolau. *O príncipe*. Trad. Lívio Xavier. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Col. Os Pensadores.
MELO E SOUZA, Ronaldes de. A desconstrução da metafísica e a reconciliação de poetas e filósofos. In: LOBO, Luiza (Org.). *Globalização e literatura: discursos transculturais* (V. 1). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p. 79-102.
_____. A epigênese do pós-moderno. In: VÁRIOS. Revista Tempo Brasileiro (84). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986, pp. 32-60.
MONTAIGNE. M. *Ensaios*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo, Abril Cultural, 1972. (Col. Os Pensadores).

MORIN, Edgar. *O homem e a morte.* Trad. Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro, Imago, 1997.
_____. A noção de sujeito. In: SCHUMTAIAN, Dora Fried (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Trad. Jussara H. Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 45-58.
_____. *Folha de S. Paulo* (entrevista) – 12/12/1993.
PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolhas e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
PORTELLA, Eduardo. *O intelectual e o poder.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
_____. *Vanguarda e cultura de massa.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. (Diagrama, 7).
SCHELLING. F. W. J. *Filosofia da arte*. Tradução, introdução e notas de Márcio Suzuki. São Paulo: Editora da USP, 2001. Coleção "Clássicos", 23.
SANT'ANA, Afonso Romano de. *Barroco: do quadrado à elipse*. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.
SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear em rede.* Petrópolis: Vozes, 2002.
_____. *A comunicação do grotesco*. Petrópolis: Vozes, 1972.
VIRÍLIO, Paul. *Vélocidade e política*. Trad. Celso Mauro Puciornik e prefácio de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
_____. *A arte do motor.* Trad. Paulo Roberto Pires. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

Resumo

O presente artigo pretende abordar, numa escrita em fragmentos, aspectos conflitivos com os quais a cultura contemporânea se vem defrontando, em razão das inovações tecnológicas e os efeitos gerados por ela no imaginário social.

Palavras-chave

Cultura - Arte - Tecnologia - Hipermodernidade.

Abstract

This article aims to address, in a written into fragments, conflicting aspects with which contemporary culture is facing as a result of technological innovations and the effects it generates in the social imaginary.

Keywords

Culture - Art - Technology - Hypermodernity.